

OBSERVAÇÕES DOS CAPÍTULOS 10 A 12 DE “O CAPITAL”.

“A taxa de mais valor e a duração da jornada de trabalho dependiam da grandeza desse prolongamento”(p. 387)

Veja-se, na citação, de p. 389, grifada: a razão do conceito amplo de forças produtivas que se encontra, por exemplo, na obra de José Paulo Neto.

Na p. 390 e algumas seguintes (veja-se o rodapé de p. 391), o autor associa a mais-valia relativa à questão da subsistência tanto destacada por Harvey (“Limites...”). No entanto, na p. 392 deixa a possibilidade, que acho bastante considerável, para ampliar a mais-valia relativa para além de itens relacionados à subsistência (VER SE REALMENTE É ASSSIM). No entanto, a ligação com a subsistência está bem posta à p. 394: “Vê-se, assim, o impulso imanente e a tendência constante do capital a aumentar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, com ela, o próprio trabalhador”.(p. 395)

“O desenvolvimento da força produtiva no interior da produção capitalista visa encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo precisamente para prolongar a parte da jornada de trabalho durante a qual ele pode trabalhar gratuitamente para o capitalista. Em que medida esse resultado também pode ser obtido no barateamento das mercadorias será mostrado nos métodos particulares de produção do mais-valor relativo a cujo exame passaremos a seguir”. (p. 395 e 396)

Perceba-se uma constante no método de Marx, após dar o conceito de mais-valor relativo, passa a explicitá-lo a partir de formas históricas. Assim, por exemplo, a passagem do trabalho manual para a manufatura e a cooperação e seu papel nos primórdios do capitalismo.

Já começa o capítulo 11 com a questão da mudança quantitativa/qualitativa de Hegel.

“Um determinado mínimo de eficiência do trabalho é, portanto, pressuposto, e veremos posteriormente que a produção capitalista encontra meios para medir esse mínimo”. (p. 399) Fala da compensação de alguns trabalhos de menor qualidade e da existência do trabalhador médio.

CONCEITO DE COOPERAÇÃO – “A forma de trabalho dentro da qual muitos indivíduos trabalham de modo planejado uns ao lado dos outros e em conjunto, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes porém conexos chama-se cooperação” (p. 400)

Fala da cooperação e da produção de mais-valia relativa.

PODER DE DIREÇÃO – “Do mesmo modo, o comando do capital sobre o trabalho parecia inicialmente ser apenas uma decorrência formal do fato de o trabalhador trabalhar não para si, mas para o capitalista e, portanto, sob o capitalista. Com a cooperação de muitos trabalhadores assalariados, o comando do capital se converte num requisito para consecução do próprio processo de trabalho, numa verdadeira condição da produção. O comando do capitalista no campo da produção tornou-se tão imprescindível quanto o comando do general no campo de batalha”. (P. 405). De como se tornou imprescindível, com a cooperação, a existência de um comando a cargo do capitalista.

APARÊNCIA E ESSÊNCIA: “A força produtiva social do trabalho se desenvolve gratuitamente sempre que os trabalhadores se encontrem sob determinadas condições, e é o capital que os coloca sob essas condições. Pelo fato de a força produtiva social do trabalho não custar nada ao capital e, por outro lado, não ser desenvolvida pelo trabalhador antes que seu próprio trabalho pertença ao capital, ela aparece como força produtiva que o capital possui por natureza, como sua força produtiva imanente”. (p. 408)

Ao falar de divisão do trabalho e da manufatura, afirma em rodapé: “... Adam Smith não concebeu nenhuma tese nova sobre a divisão do trabalho. Mas o que o caracteriza como economista político que sintetiza o período da manufatura é o acento que coloca na divisão social do trabalho”. (p. 422)

No início do item 4, na p. 425, deixa claro que está fazendo uso do método: “Começamos nossa análise pela origem da manufatura, passando por seus elementos mais simples – o trabalhador parcial e sua ferramenta – até chegar a seu mecanismo total”. (p. 425)

DESTACAR A ÓTIMA PASSAGEM DE P. 430.

MOSTRAR O CARACOL E SUA CONCHA NA P. 433.

VER COMO PELA DIVISÃO SOCIAL A MANUFATURA FEZ COM QUE O CAPITALISMO SE TORNOU IMPRESCINDÍVEL AO TRABALHO: “Se o trabalhador vende inicialmente sua força de trabalho ao capital porque lhe faltam os meios materiais para a produção de uma mercadoria, agora sua força individual de trabalho falha no cumprimento de seu serviço caso não seja vendida ao capital. Ela só funciona num contexto que existe apenas depois de sua venda, na oficina do capitalista. Por sua própria natureza incapacitado para fazer algo autônomo, o trabalhador manufatureiro só desenvolve atividade produtiva como elemento acessória da oficina do capitalista. Assim como na frente do povo eleito estava escrito ser propriedade de Jeová, também a divisão do trabalho marca o trabalhador manufatureiro a ferro em brasa, como propriedade do capital” (p. 434 e 435).

VEJA-SE TAMBÉM O EFEITO CAUSADO NA CIÊNCIA PELA DIVISÃO DO TRABALHO NA MANUFATURA – P. 435.

Fala da estupidificação do trabalhador parcial na p. 436. Diz que “certo atrofiamento espiritual e corporal é inseparável mesmo da divisão do trabalho em geral na sociedade” (p. 437)

E assegura que a divisão de trabalho é forma específica que o capital tem de produzir mais valor às expensas do trabalhador (p. 438).

VER A LINDA DIFERENÇA ENTRE OS ECONOMISTAS POLÍTICOS E OS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE NA P. 438 (ÚLTIMO PARÁGRAFO) A 441 (PRIMEIRO PARÁGRAFO).